

O VERBO DA CULTURA LIGHT

por

Salette da Ponte*

Resumo: O conceito contemporâneo de Patrimónios no país e no mundo encontra-se numa verdadeira encruzilhada de poderes, tornando-se numa amálgama de diferendos, conflitos, de teorias e práticas “opacas”. Criam-se cenários mercantilistas, delapidando a memória e o imaginário da “coisa comum”, ferindo ou adulterando o passado social como identidade cultural de uma comunidade, de um povo, de um país; mais, surgem formas “light” de representação das memórias colectivas, emergindo configurações imagéticas artificiais e soltas do(s) património(s) sentido e vivido(s).

Palavras-chave: Cultura light; reality show; oferta-procura.

Abstract: I express, in this article, my opinion about several problems related to the relationships between the so-called “culture” and “light culture”, and about the reasons why our society does not face and implement better ways of learning from the historic past. Also, I try to understand how collective memories have been destroyed by modern social relations and technologies. I think that the more important issue today – and in the years to come – is a strategic struggle in order to avoid the present tendency to a “light” environment in favor of “cultural” one.

Key-words: Light culture; reality show; supply and demand.

1. A HORA DO “VERBO”

O termo cultura light é o reflexo da linguagem da lei de *oferta* e de *procura* do mundo contemporâneo.

Aquela expressão condensa genericamente o momento das coisas e das ideias, envolta numa auréola do *real inventado*. Digamos que o mundo contemporâneo encontra-se numa encruzilhada de poderes: amálgama de diferendos, conflitos, teorias e práticas opacas. A singularidade e a identidade cultural das sociedades contemporâneas,

* Docente do Departamento de Gestão Turística e Cultural-ESGT, Instituto Politécnico de Tomar; 2300-313 Tomar; saleteponte@ipt.pt

transformam-se em saber e arte da “hora”, assumindo formas “light” e descartáveis de representação das memórias colectivas, emergindo *configurações imagéticas artificiais* dos patrimónios *vividos e sentidos*; convertem-se em cenários mercantilistas, delapidando a memória e o imagético da “coisa comum”, ferindo e adulterando os passados sociais das comunidades. Este fenómeno contemporâneo ao revestir-se de novas formas de expressão linguística e visual, omite a *realidade profunda*, tornando-a numa figura de *retórica*, e convertendo-a numa espécie de *cosmética* do saber ver, analisar, interpretar e comunicar; a memória dos lugares converte-se em *reality show*, cujo espectro corrosivo, leviano e consumista se transfigura numa ilusão do ser colectivo, de ontem e de hoje (FREY, 2000; SANDLER, 1996). Digamos que a *cultura light* é uma produção contemporânea alheada do real valor da identidade cultural e paisagística das comunidades passadas.

Dir-se-á que a *cultura light* é a digna representante do *fast cultural*, desprovida de contexto e conteúdo das memórias passadas. A questão que se coloca, face à postura da sociedade contemporânea será: *Que fazer para superar ou anular a dita cultura light?*

Alfabetizar a nossa sociedade, alertando os agentes culturais para os perigos eminentes de banalização da nossa identidade cultural, mutilando a alma e o significado de uma comunidade, de um povo ou de um país.

2. A OFERTA E A PROCURA

As instituições culturais, hoje, sobretudo os museus, oferecem, para além da reflexão e do prazer estético, uma série de produtos, que visam o *imediato*, de pendor sócio-económico. Esses produtos retratam detalhes culturais significativos, mas convertidos à moda e ao prazer circunstancial como modelo do *american way of life*.

O Séc. XXI é sinónimo de *Light*, não só no sentido de luz, mas de *Reality*, ou realidade. Esta realidade é a negação de pensamento, de memória passada, ou de identidade cultural. É digamos, o culto do objecto, do produto vendável e rentável economicamente, donde sobressai a *novela histórica*.

Será a cultura light uma *cultura circunstancial* ou um “gesto demagógico”? Ambas as coisas, resultantes das políticas económicas globalizantes e das vias tecnológicas e interactivas do mundo contemporâneo.

A *cultura light* sendo emoção compacta, visual e breve, é a negação da reflexão, do conhecimento e da razão, como análise e interpretação sócio-cultural de uma comunidade.

Vive-se entre a ilusão e a realidade.

As novas tecnologias disponibilizam cenários de “coisas” e de “vidas”, sem o menor suporte da realidade passada e presente. A realidade dá lugar à ilusão de “sítios”, sentimentos, impressões, sabores.

O cenário construído carece de uma ontologia consistente, ou seja, de um suporte ou acervo histórico, associado a um tempo e espaço.

Assiste-se à mediatização da informação cultural, sustentada, na maioria das vezes, pela falta de rigor da informação geo-histórica e objectividade antropológica dos sítios e paisagens humanizadas. Por outro lado, a segmentação informativa e a formação técnico-prática permanente do indivíduo, têm sido responsáveis pelo movimento a que chamamos *cultura light*. É neste contexto que assistimos a uma nova visão programática de cultura, tendo em vista o progresso do ser humano e da sociedade em geral. Porém, o uso das novas tecnologias propiciam, por um lado, elevados níveis de conhecimento em áreas específicas, mas por outro lado, quando indevidamente usados, debilitam os segmentos estruturais da humanidade.

Assim, são evidentes os sintomas geracionais de uma cultura mais *light*, mais consumista, mais mediatizada e mais prática, projectando novos hábitos de informação, sem conteúdo e contexto consistentes, revertendo o ilusório em realidade.

3. TERAPIAS

A comunidade internacional tem vindo a debruçar-se sobre uma série de estratégias de salvaguarda e de desenvolvimento dos Patrimónios Eco-Culturais, conducentes a assegurar os legados de gerações passadas, projectando-os numa visão plurinucleada de conteúdos e contextos sociais.

Como superar ou anular a dita *cultura light*, promotora do produto de ocasião, privilegiando o inculto, a negação do conhecimento e do saber fazer, sob o poder manipulador dos poderes políticos e económicos?

Que terapias terão de ser aplicadas para a recuperação do equilíbrio estrutural e identitário da sociedade contemporânea? Digamos que uma das vias prioritárias, passará pela definição de metodologias e de estratégias sócio-culturais, que garantam a identidade cultural das sociedades; depois, a aplicação e focalização de acções educativas nas áreas sócio-culturais e de comunicação, estabelecendo vias e perspectivas várias no universo pedagógico e de expressão sociológica.

4. CONCLUSÃO

Estes sintomas alarmantes de uma *cultura mecânica, tecnológica, fria e mercantilista*, aonde nos poderão levar?

Para onde e como evoluirá o conceito e vivência de *identidade cultural* de uma sociedade, de um povo, e da própria humanidade?

A humanidade encontra-se numa encruzilhada de identidade cultural, cujo futuro cultural, *expressão de vida*, poderá resumir-se a um *arquivo nado-morto*, sendo a generalidade da humanidade uma espécie de *produto light*, descafeinado, apesar do elevado nível de *how to do*.

Poder-se-á afirmar, por outro lado, que o valor e significado dos vários patrimónios, materiais e imateriais em risco, têm vindo a ser encarados como uma preocupação constante da comunidade internacional, projectando estratégias amplas de salvaguarda, de conservação e de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Esta preocupação é traduzida por parâmetros globais, sendo, de facto, a referência das nossas vidas, ou seja, o alicerce de desenvolvimento da nossa sociedade. É, nesta conjuntura padronizada e globalizante das sociedades do Séc. XXI, que se impõe o direito à representação de diferenças e diversidades eco-culturais, tangíveis ou intangíveis, para que elas possam garantir e assegurar o equilíbrio da vida presente, sob pena de emergirem tendências de desintegração cultural, que exerçam domínio sobre a autonomização do espírito humano. Importa, pois, equacionar estratégias, que possibilitem, num contexto de desenvolvimento sócio-económico e tecnocultural, uma abordagem sistémica e metodológica das plurimorfologias das paisagens humanizadas ao longo da existência do Homem.

BIBLIOGRAFIA

- FREY, BRUNO (2000). *La Economía del Arte: una Visión Personal, y las Falsificaciones en Arte: qué Falsificaciones?*. Barcelona. Colección Estudios Económicos, n.º 18.
- SANDLER, IRVING (1996). *Art of the Postmodern Era: from the Late 1960's to the Early 1990's*. New York: Icon.